



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

## EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS NO PIBID E POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIA DOCENTE: O QUE ACONTECE AGORA?

POLICARPO, Natacha A.<sup>239</sup>

Profa.º Dra. Silêde Leila O. Cavalcanti<sup>240</sup>

Universidade Federal de Campina Grande

natachapolicarpo@gmail.com

**Resumo:** O presente trabalho gira em torno de uma breve discussão sobre as fragilidades da formação docente e as contribuições do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) a partir das experiências vivenciadas neste, assim como as possibilidades de oposição às medidas e tendências educacionais que afetam o programa. A proposta é que através da minha experiência como pibidiana de História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) no período de 2018-2019 e o conteúdo presente no questionário aplicado aos bolsistas do programa, seja possível trabalhar pressupostos teóricos que envolvem Políticas Públicas, aprendizagem compartilhada e resistência docente. Desta forma, podemos fazer uma reflexão mais crítica sobre nossa conjuntura atual e programas de formação, a intenção é alimentar o debate sobre a importância de políticas públicas e incentivo da prática docente, ao mesmo tempo que busco relatar as inquietudes que proporcionaram uma resistência à tentativa de decomposição do programa, mas que hoje seguem um caminho incerto.

**Palavras-chave:** PIBID, experiências, resistência docente, formação de professores.

Ser professora é uma trajetória constante de descobertas e compartilhamentos, seja de conhecimento, práticas pedagógicas ou de afetividade. Como pibidiana de História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) no período de 2018-2019, pude trabalhar melhor esses aspectos e consolidar algumas conclusões sobre a profissão docente, a primeira é algo que minha idealização sobre ser professora não permitia

---

<sup>239</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande e bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

<sup>240</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em História pela Universidade de Pernambuco e Professora de História na Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: sileilaoc@hotmail.com





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

acreditar: nada na docência é um mar de rosas, pelo contrário, é um caminho cheio de obstáculos. No entanto, há momentos que fazem valer a pena, as vezes pequenos, como gestos de carinho e agradecimentos, mas que são gratificantes. Pensando nesse processo de se transformar em uma educadora, acabei apropriando o conceito de experiência de Larrosa (2007) para a minha realidade, este retrata a experiência como aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece, e a deixando emergir possui a capacidade de formação e transformação. Sendo assim, é necessário deixar-se vivenciar as experiências. Para mim, é através desse conceito de experiência que deve-se pensar a formação docente, na necessidade de permitir que os licenciandos sejam “afetados” antes do término do curso, precisamente, nos momentos iniciais, para que faça parte de sua trajetória acadêmica o pensar dentro da sala de aula. Penso assim porque o PIBID mudou minha forma de enxergar a docência e ajudou a percebê-la como um processo de constante movimento onde é preciso sempre pensar como lidar com o sujeito, a instituição e o própria matéria, nesse sentido a parte teórica também é extremamente importante porque ela serve para complementar e construir metodologias, conteúdo e questionar o Ser Professor, o que realmente falta é inserir o universitário na realidade da Educação Básica.

Encontrei respostas semelhantes a forma que penso quando apliquei um questionário a sete pibidianos de história da UFCG que participaram desse projeto comigo, ou seja, no recorte de 2018-2019. O intuito era de complementar e enriquecer a questão sobre experiências compartilhadas e as inquietação acerca da formação docente que faço ao decorrer do trabalho, assim como adentrar nas significações desse processo para eles. A seguir temos uma resposta sobre disparidade entre a teoria acadêmica e a realidade da educação básica:

[...] podemos pensar que é necessário uma adaptação não da universidade, mas do universitário, [...] não se resume a questão teórica e sim uma questão de vivência, vendo de forma ampliada isso prejudica pessoas no encontro de um amor e ação pela docência, o que creio a universidade poderia auxiliar mais, essa carência pode, portanto, ser retirada, em parte, pela participação no PIBID.<sup>241</sup>

<sup>241</sup>Resposta concedida por Atencioso no mês de Outubro de 2019 através de formulário do Google.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Percebe-se como Atencioso<sup>242</sup> acredita que a problemática não está na questão teórica, mas na vivência desses futuros professores, sendo a realização de programas como o PIBID um dos meios para suprir essa necessidade. Os outros pibidianos não pensam diferentes, relataram que durante a graduação não são preparados para a sala de aula, mostram-se um choque de realidade com o primeiro contato. Em destaque, a resposta da Resiliente:

[...] A verdade é que quando pensamos na sala de aula ao longo da graduação nos preenchemos de ideias fantásticas e até de algumas utopias que muitas vezes acabam por não se concretizar, o mundo da docência é repleta de imprevistos, por vezes esquecemos que naquele espaço inúmeras realidades e personalidades diferentes se chocam, [...]<sup>243</sup>

O PIBID acaba sendo fundamental para enxergar essa realidade o quanto antes, outro aspecto que gostaria de destacar no programa é a construção de saberes docentes a partir do compartilhamento de experiências. Algumas das experiências compartilhadas pelos pibidianos consistem nas oficinas pedagógicas e reuniões, que nos ajudam a melhorar como professores; o desenvolvimento de práticas de ensino da História e o intercâmbio entre Universidade e Escola Básica, especificamente um evento realizado na Universidade com o objetivo de trazer os alunos das escolas públicas para compartilhar o espaço e os projetos desenvolvidos com os pibidianos.

Ao serem questionados, Dedicada relatou que o contato com os alunos fez com que ela percebesse como sua presença pode ser um elemento de suporte dentro da sala de aula. Por outro lado, o supervisor Compreensivo considerou um desafio organizar as aulas em conjunto, possibilitando aprendizados para todos. A seguir, temos Atencioso que se estendeu um pouco mais, de início, contou sobre como foi afetado por uma das primeiras atividades que fez enquanto bolsista do PIBID, como supervisor, declarou que a responsabilidade que tem como uma pessoa, de certo modo, que serve de exemplo, foi

---

<sup>242</sup> As identidades dos pibidianos ganharam novos sentidos, sendo caracterizadas com algo que considero uma de suas qualidades, preservando seus nomes para evitar qualquer desentendimento.

<sup>243</sup> Resposta concedida por Resiliente no mês de Novembro de 2019 através de formulário do Google.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

algo que mais chamou sua atenção. Para pontuar, referiu-se como foi fundamental as reuniões com os pibidianos para crescerem juntos.

Percebe-se como esse processo é diferente para cada um, particularmente, algo que me deixou marcas foi o compartilhamento da docência com a minha companheira de turma, com ela pude pensar, escutar e refletir sobre as subjetividades da prática. Acredito que ambas participamos da caminhada uma da outra e nos permitimos aprender e compartilhar essa experiência que é ser professora. Assim como compartilhamos a docência, também possuímos preocupações semelhantes.

Essa inquietação não é apenas algo entre duas pessoas, quando perguntei aos pibidianos sobre o futuro do PIBID, recebi respostas relacionadas às incertezas que o governo atual proporciona e a preocupação de encerramento do programa, principalmente por verem este como uma ferramenta de complementação curricular e ampliação das experiências. Cabe-nos perguntar, porque essa preocupação e o que está afetando o programa? quais as alternativas que estão sendo tomadas? quem são as pessoas prejudicadas?

Primeiro, é interessante evidenciar que o PIBID surge como uma política educacional, provavelmente impulsionado, entre outros motivos, pela agenda governamental brasileira do início dos anos 2000 que passou a promover políticas sociais, construindo um período significativo de crescente formulação e estudos sobre políticas públicas. (Draibe e Riesco, 2009 apud Cortes e Lima, 2012. p.35). Sendo assim, o programa se estabelece como um projeto tanto social quanto educacional, o edital N° 7/2018 publicado recentemente, manteve os princípios norteadores do programa definido em 2007: o incentivo aos docentes em licenciatura que buscam pelo magistério, possibilitando a valorização da docência e elevando a qualidade da formação; que essa construção seja feita ao inserir os licenciandos no cotidiano da escola, proporcionando-lhes oportunidades de articulação com a teoria aprendida na Universidade e a realidade da educação básica, essa interação acontece através da participação em experiências e práticas docentes que busquem serem inovadoras e interdisciplinares, superando problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Logo, é angustiante ver um programa de formação como o PIBID, a educação em si, sendo afetado desde 2015 pelo cenário político-econômico do país. O governo Temer (2016-2018) fortaleceu a política de ajuste fiscal com sua agenda neoliberal, e acenou ao enfraquecimento das políticas sociais em nome de uma melhoria para o setor empresarial. (COSENZA, 2018, p. 701). No entanto, em fevereiro de 2016, pouco antes mesmo de Temer assumir, surgiu o rumor de cortes orçamentário e direcionamento do programa para as escolas com rendimento baixo, gerando manifestações populares em todo território nacional. A movimentação virtual ficou marcada com a hashtag #FicaPIBID, mas também houve atos nas ruas, aulas públicas, abaixo-assinado e cartas de diversas entidades em defesa ao programa. O governo acabou recuando, mas afirmou que o PIBID estava passando por uma reavaliação.

A ameaça continuou em 2017, gerando algumas mobilizações pela sua continuidade. Segundo Cosenza (2018) houve a divulgação de não prorrogação do edital Capes n. 61, referente ao PIBID, mesmo depois do abaixo-assinado com 318 mil assinaturas protocolado em janeiro de 2018 que solicitava a finalização de novos processos seletivos. A decisão implicou no desligamento de 70 mil bolsistas e o afastamento de 5 mil escolas, prejudicando os alunos que utilizam da bolsa para se manter na universidade, as atividades escolares e projetos relacionados ao programa.

A pesquisadora relata que em março do mesmo ano, dois novos editais interligando o PIBID ao novo programa Residência Pedagógica foram publicados pelo MEC, garantindo 45 mil vagas para cada um deles. Lembrando que apenas o PIBID concedia 70 mil bolsas, um corte de 25 mil. O programa voltou em meados de agosto de 2018 com atrasos nas bolsas, normalizando apenas no ano seguinte. Atualmente não sabemos se terá novo processo seletivo para 2020, de acordo com Taffarel e Neves (2019) estamos em um contexto político que se mostra cada vez mais ultraconservador e neoliberal, no qual possui como protagonista o desmonte da educação. Em poucos meses do governo Bolsonaro (2019-) a ascensão conservadora foi capaz de reduzir verbas e fazer cortes orçamentários gigantescos, atacando principalmente as bolsas de pesquisas, tais medidas geraram diversas manifestações que levaram pessoas a rua, em maioria estudantes. (TAFFAREL, NEVES, 2019. p.328). Outro ponto das tendências educacionais





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

bolsonarista é o programa Future-se que visa o desgaste da autonomia universitária e o desmantelamento do espaço público em nome do empreendedorismo.<sup>244</sup>

Observa-se como nos últimos anos viemos sofrendo com medidas de sucateamento e precarização da educação, tendendo a piorar com o atual governo, assim, manifestações vem tomando conta do país, mas também acabam se desgastando com a postura do governo de não ouvir as reivindicações das minorias. Essa falta de diálogo foi algo que uma das pibidianas também se mostrou preocupada quando questionei sobre quais as medidas que deveriam ser tomadas para combater o fim do programa. Os demais falaram sobre buscar fazer mais ações de mobilizações levando os projetos para a rua, trazer mais visibilidade através das rede sociais e também publicações de trabalhos, campanhas para a valorização de professores, entre outros.

Foram sugestões e possibilidades de resistência docentes interessantes, lembrando até meados de 2016, que foram mobilizações fundamentais para o programa conseguir manter o seu espaço na universidade, mas agora estamos esperando o futuro sem saber direito como reagir diante de tantas pautas para reivindicar e tentar manter.

O programa tem uma avaliação positiva, consta-se também que possui suas falhas e dificuldades como qualquer programa que tem como base a convivência entre um grupo de pessoas. No entanto, é algo que construímos juntos e temos muito o que trabalhar, acabar com o PIBID sem alternativas equivalentes é deixar explícito o desrespeito ao longo caminho que ainda precisamos percorrer para melhorar a educação e a formação docente no país. Com isso, o presente trabalho, através de pesquisa qualitativa, buscou fazer algumas breves considerações sobre a importância de políticas públicas para a formação docente, abordando como as preocupações que cercam a unidade acadêmica nesses últimos anos sucedeu em movimentações de resistência docente e estudantil, reforçando sua importância diante de governos que fragilizam o ensino público. Por fim, considero importante que os cursos de licenciatura pensem em preparar seus alunos com o

---

<sup>244</sup> Saiba mais sobre o Future-se na Carta de Vitória publicado pela ANDIFES <Disponível em: <http://fasubra.org.br/wp-content/uploads/2019/07/Carta-de-Vit%C3%B3ria.pdf>>





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

constante diálogo entre vivência prática e a teoria, ainda no começo de sua trajetória, não deixando o PIBID acabar tão facilmente, resistiremos.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL. Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica (DEB). **CHAMADA PÚBLICA PARA APRESENTAÇÃO DE PROPOSTAS EDITAL Nº 7/2018**. Brasília. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01032018-Edital-7-2018-PIBID.pdf>>

CORTES, Soraya Vargas. LIMA, Luciana Leite. **A contribuição da sociologia para a análise de políticas públicas**. Revista Lua Nova, São Paulo, 87: 33-62, 2012

COSENZA, Angélica. **FORMAÇÃO DOCENTE NO PIBID: ENTRE A POTÊNCIA E A RESISTÊNCIA**. Revista Pesquisa e Debate em Educação, 2018. p. 700 - 707

LARROSA, Jorge. **Linguagens e Educação depois de Babel**. Coleção: Educação: Experiência e Sentido. Tradução de Cynthia Farina. Editora: Autêntica, 2007. p.151 -163

TAFFARELL, Celi Nelza Zülke. NEVES, Márcia Luzia Cardoso. **TENDÊNCIAS DA EDUCAÇÃO FRENTE À CORRELAÇÃO DE FORÇAS NA LUTA DE CLASSES: uma análise do governo Bolsonaro na perspectiva educacional**. Estudos IAT, Salvador, v.4, n.2, p. 310-329, set., 2019

